

QUEM VAI ESTAR LÁ? QUEM ESTÁ AQUI E AGORA?

Juleusa Maria Theodoro Turra*
MESA REDONDA

O título escolhido para este texto combina dois momentos; um deles é uma referência a um evento, há mais de vinte anos atrás, que perguntava: quem educa o educador?¹¹ O evento, ao final dos anos de 1970 é momento também de criação do Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES) e centralizou publicações, Cadernos CEDES, que trouxeram outros números voltados à temática de formação dos educadores, especialmente os cadernos de número 8 e 17.

É, por outro lado, menção a um pequeno texto de intervenção em debate proposto por uma das redes que são constituídas pela expansão da internet, estruturada a partir de um sítio².

A formação de professores, objeto de encontros e rede de discussões, é, ainda, e mais recentemente, foco de preocupação dos meios de comunicação, com páginas ou edições especiais em jornais, revistas e programas na rede de computadores e na televisão. Não é, todavia, tão presente quanto necessário nos

debates acerca da formação de profissionais, nas diversas áreas de atuação, para o presente — complexo e desigual — e para o futuro, cuja distância não é a mesma em todos os setores e para todas as pessoas.

A questão sobre quem estará lá foi proposta em meio à discussão sobre a formação do profissional do futuro que assinalava suas necessárias competências e habilidades; não mencionava, no entanto, quem seriam os professores a colaborar e construir o ambiente e o diálogo que conduzem o processo requerido.

Muito já foi dito sobre a importância da educação formal, sua permanência ao longo da vida, desdobrando-se em estudos e experiências não formais, ou mesmo informais, ao lado de sugestões várias sobre tecnologias adequadas e recursos para despertar e desenvolver competências e habilidades. Não havia, no entanto, em meio ao debate ocorrido, menção aos professores. Este foi o motivo da intervenção: quem serão os professores? Para estarem em tempo e condições adequadas, é

* Professora das faculdades de Geografia e de Turismo da PUC-Campinas, graduada em Ciências Sociais e em Geografia, mestre e doutora em Geografia. Foi docente dos níveis fundamental e médio entre os anos de 1976 e 1997 e desde 1979 é docente do ensino superior.

¹ O evento, ao final dos anos de 1970 é momento também de criação do Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES) e centralizou publicações, Cadernos CEDES, que trouxeram outros números voltados à temática de formação dos educadores, especialmente os cadernos de número 8 e 17.

² O sítio em questão – Projeto Aprendiz – apresentara um artigo referente às competências e habilidades requeridas para o profissional do século XXI e indagávamos sobre qual o docente que estaria envolvido em tal processo de formação.

necessário incentivar o magistério. Como incentivar? Qual formação para a docência deve ser proposta e praticada?

A indagação foi reavivada na oportunidade de participação, na função de coordenador, da Mesa Redonda *Exigências sociais e legais para a educação formal: que formação de professores?* promovida pela Coordenadoria Especial de Licenciaturas, da Pró Reitoria de Graduação, como uma das atividades do I Encontro de Licenciatura da PUC-Campinas, ocorrido em 30 de setembro do ano de 2006.

Ao contar com a participação na Mesa Redonda de docentes envolvidos com a formação de professores no ensino superior e docente envolvido com as tarefas de gestão de órgão público na área do ensino, considerou-se oportuno trazer uma reflexão que retomasse a necessidade da formação dos professores, acentuando o que seria esta formação e, particularmente, o papel da PUC-Campinas e a visão de futuro para o ensino básico.

As exigências de escolarização se acentuam e se diferenciam quando a população passa por alterações em sua dinâmica demográfica; são desafios novos que se somam aos não superados. Já são disponíveis análises sobre as exigências do futuro, mas aqui e agora há futuro, atingindo-nos com velocidade diferenciada. Aqui e agora a população não é a mesma de vinte anos atrás. As transformações são políticas, culturais, espaciais e demográficas propriamente.

Ao pensar qual a formação necessária aos professores é preciso considerar quem serão os alunos. A queda nas taxas de natalidade, um aspecto marcante da dinâmica demográfica, já atingiu, por exemplo, o grupo etário em fase de ingresso no ensino fundamental; as matrículas

apontam queda em números absolutos nos últimos cinco anos³.

Na Região Metropolitana de Campinas (RMC) estão matriculados mais de 370.000 alunos no ensino fundamental e cerca de 126.000 no ensino médio. Quais serão as tendências? Ao considerarmos o envelhecimento da população, observado para as várias faixas de idade, ou seja, crescimento maior nos grupos de população jovem, adulta e idosa, a educação e a escolarização ganham um novo significado.

Para visualizarmos o quadro de mudanças demográficas, apresentamos como exemplo o crescimento percentual em faixas de idade: para a faixa entre 10 e 14 anos, o crescimento nos últimos vinte anos foi de aproximadamente 21%, enquanto para o grupo de 15 a 19 anos atingiu 32%, inferior ao crescimento da faixa entre 20 e 24 anos, com mais de 40%⁴, em dados referentes à Região Metropolitana de Campinas.

A Região Metropolitana de Campinas possui, em maioria, percentuais menores que os encontrados no Brasil. Para a faixa de idade entre 10 e 14 anos que, no país, passou de 11,98% para 10,22% da população entre os Censos de 1980 e 2000, a RMC apresenta, no último Censo, 9,76%. A Região manterá percentuais próximos dos nacionais para as faixas de idade entre 20 e 24 anos, que no período considerado ficou praticamente inalterado, em torno de 9,5% da população total. As faixas correspondentes às idades mais avançadas têm, no período em tela, atingido percentuais maiores e a Região Metropolitana de Campinas apresentará, em todas elas, valores superiores aos nacionais.

Temos a considerar, com os dados disponíveis, que os desafios para a formação dos professores não se darão, somente, no

³ Os dados podem ser consultados no sítio da internet da Fundação SEADE, do estado de São Paulo, assim como no sítio da Agência Metropolitana – agemcamp.

⁴ Os dados foram obtidos a partir do Sistema de banco de dados agregados - SIDRA, da Fundação IBGE, disponível no sítio da internet, que permite consultas com cruzamento de diferentes variáveis.

atendimento à educação formal de crianças e adolescentes. Estamos muito próximos do atendimento universal para as matrículas nas séries iniciais do ensino fundamental em uma região como a de Campinas e outros desafios são postos. Qual o ensino? Qual a aprendizagem?

No ensino fundamental encontramos-no momento de focar a qualidade. No ensino médio ainda é necessário pensar em sua expansão e na permanência dos estudantes. Na Região Metropolitana de Campinas ainda há mais de 12 mil adolescentes e jovens sem instrução, mais de 55 mil adolescentes com menos de 3 anos de estudo, semelhante contingente de jovens — entre 20 e 24 anos — com até 7 anos de estudo⁵.

Ao lado destes desafios, que são diferentes e não podem ser independentes, há que se considerar o resgate dos que, adultos, não foram escolarizados, dos que necessitam retornar à escola e dos que necessitam de aprimoramento, da continuidade de sua educação. A formação dos professores deve atentar para o conjunto das situações que estão postas.

A história dos 65 anos da PUC-Campinas, comemorados em 2006, é a história da formação de professores. O que veio a se constituir como a PUC-Campinas inicia-se com a implantação de cursos de formação para docentes, sendo a primeira instituição com esta característica no interior paulista. Ao longo de mais de seis décadas, algo em torno de 3.000 professores foram formados, dando vida ao projeto inicial e influenciando na característica marcante que o município de Campinas e a região que sedia têm externado.

Na Região de Campinas são reconhecidos aspectos díspares: o pólo de ciência e tecnologia, a organização social

expressiva em várias esferas, as referências de integração nacional e internacional, assim como um centro em que parte significativa de seus habitantes tem inserção social e econômica subalternas, com todas as decorrências desta condição.

Os caminhos da formação para o trabalho e para a sequência de estudos, compreendidos como o desenvolvimento de possibilidades de compreender e agir no mundo, são bases para a reversão da condição indicada. É preciso ampliar a escolaridade e fazê-lo de modo apropriado, ou seja, a partir da ação de profissionais capazes e comprometidos.

A formação de professores, pela PUC-Campinas, permanece como uma de suas políticas estratégicas e no ano de 2006, dentre as vagas para o vestibular — processo de seleção para ingressantes —, mais de 1.000 são oferecidos para os 10 cursos que têm habilitação em licenciatura, em cujos projetos pedagógicos estão envolvidos cerca de 130 docentes.

Os números são significativos; talvez surpreendentes quando, ao analisar a Universidade, as licenciaturas e seus alunos parecem um grupo de pequeno porte. De fato são minoritários, representando menos de 20% das vagas no vestibular, enquanto os docentes nas licenciaturas — mas não necessariamente com atuação exclusiva nesta modalidade — são menos de 15% do corpo de professores da Universidade. Embora não dominantes, os cursos de licenciatura mantiveram-se presentes nos 65 anos da PUC-Campinas, passaram por alterações, articularam-se com bacharelados e permanecem referência para a docência e têm, continuamente, uma atenção particularizada com órgãos específicos, como é hoje a Coordenadoria Especial de Licenciaturas.

A contribuição e os desafios da PUC-Campinas podem ser compreendidos com

⁵Dados obtidos a partir do Censo de 2000, realizado pela Fundação IBGE, disponível no sistema SIDRA, no sítio da internet.

apoio da leitura dos resultados de estudos realizados pelo Ministério da Educação⁴. Estes estudos indicaram, para o ano de 2002, que as instituições de ensino superior privadas ofereceram mais de 350.000 vagas nos cursos de licenciatura, o maior volume dentre todos os cursos de graduação, que se somam a mais 150.000 vagas nas universidades e instituições públicas, havendo um crescimento constante nos últimos dez anos.

Os estudos indicam que este esforço permitiu que, em 2001, fossem 176.000 os concluintes, cerca de 60% em instituições privadas.

O número de licenciados é, em relação aos totais, compatível com as demandas por áreas de formação em relação às disciplinas a serem ministradas; mas a distribuição dos docentes, a permanência no magistério e a

necessidade de acompanhar a dinâmica demográfica, conjuntamente com a política-econômica e cultural, não permitem que se considere a situação equacionada.

A concepção de educação sólida, rigorosa é também permanente, interdisciplinar e voltada à cidadania plena. A formação dos professores deve ser alicerçada em projetos em que estas dimensões apresentem-se combinadas.

Os cursos de licenciatura, impregnados desta concepção, podem se transformar nos cursos mais dinâmicos e criativos, coincidindo com as expectativas dos jovens que buscam uma formação que lhes dê futuro. As licenciaturas podem caminhar para a combinação entre o que dá futuro e o que constrói futuros, conforme pudemos ouvir no Encontro de Licenciatura da PUC-Campinas.

“Posso saber pedagogia, biologia como astronomia, posso cuidar da terra como posso navegar. Sou gente. Sei que ignoro e sei que sei. Por isso, tanto posso saber o que ainda não sei como saber melhor o que já sei. E saberei tão melhor e mais autenticamente quanto mais eficazmente construa minha autonomia em respeito à dos outros”.

Paulo Freire

⁴ Estudo realizado pelo INEP, publicado em 2003.